

MERCADO DA RUA DO VALONGO

É na rua do Valongo que se encontra, no Rio de Janeiro, o mercado de negros, verdadeiro entrepôsto onde são guardados os escravos chegados da África. Às vèzes pertencem a diversos proprietários e são diferenciados pela côr do pedaço de pano ou sarja que os envolve, ou pela forma de um chumaço de cabelo na cabeça inteiramente raspada.

Essa sala de venda, silenciosa o mais das vèzes, está infectada pelos miasmas de óleo de rícino que se exalam dos poros enrugados dêsses esqueletos ambulantes, cujo olhar furioso, tímido ou triste lembra uma "*menagerie*". Nêsse mercado, convertido às vèzes em salão de baile por licença do patrão, ouvem-se urros ritmados dos negros girando sôbre si próprios e batendo o compasso com as mãos; essa espécie de dança é semelhante à dos índios do Brasil.

Os ciganos, traficantes de negros, verdadeiros negociantes de carne humana, não cedem em nada a seus confrades negociantes de cavalos; por isso deve-se tomar a precaução e levar consigo um cirurgião quando se quer escolher um negro nêsses armazéns, a fim de fazer passar o escravo pelas provas e exames necessários.

Às vèzes, entre êsses escravos recém-desembarcados, encontram-se negros já civilizados, que fingem de chucros e dos quais é preciso desconfiar, pois dissimulam certamente quaisquer imperfeições físicas ou morais, que impediram fôsem vendidos diretamente.

Êsse exame deve ser muito minucioso, porquanto se escapar ao olhar do inspetor qualquer defeito físico no negro vendido, o comprador, ao sair do armazém, já não terá o direito de trocá-lo, costume êste sancionado por diversas sentenças dos tribunais. Darei um exemplo: um belo negro de grande estatura, comprado num dêsses armazéns com

tôda a confiança que inspirava seu físico soberbo, conservara durante o exame uma laranja na mão, com uma aparência de desenvoltura ensinada pelo vendedor. O estratagema deu resultado e o negro chegando à casa de seu novo dono, sempre com a laranja na mão, só a largou para mostrar um defeito na articulação de um dos braços e o comprador, embora enganado, teve que guardá-lo. Essa trapaça do cigano lembra a de um negociante de cavalos em Paris que, vendendo um cavalo muito bonito mas cego, dizia ao comprador: "*faites voir se cheval* (70) e eu garanto o resto".

A depreciação momentânea do papel moeda dobrara o preço de compra de um negro, mas o habitante de São Paulo ou de Minas com dinheiro na mão comprava-o ao câmbio do dia. Para o homem da cidade, ao contrário, que o pagava em papel moeda, o negro valia de 1.800 a 2.400 francos, a negra um pouco menos e o moleque de 640 a 800 francos.

Reproduzì aqui uma cena de venda. Pela disposição do armazém e a simplicidade do mobiliário, vê-se que se trata de um cigano de pequena fortuna, traficante de escravos. Dois bancos de madeira, uma poltrona velha, uma moringa e o chicote suspenso perto dêle constituem tôda a mobília do armazém. Os negros que aí se encontram pertencem a dois proprietários diferentes. A diferença de côr de seus lençóis os distingue; são amarelos ou vermelho-escuros.

O brasileiro discerniria pela fisionomia os caracteres distintivos de cada um dos negros colocados na fila à esquerda da cena. O primeiro atormentado por coceiras e que cede à necessidade de se esfregar, é velho e sem dúvida sem energia; o segundo, ainda sadio, é mais indiferente; o terceiro é de gênio triste; o quarto, paciente; o quinto, apático; os dois últimos, sossegados.

Os seis do fundo, quase da mesma nação, são todos suscetíveis de fácil civilização.

Os moleques, sempre amontoados no centro do quarto, nunca se mostram muito tristes. Um mineiro discute com o cigano sentado na poltrona o preço de um dêles. O traje do habitante de Minas não mudou e se compõe de um grande chapéu de feltro cinzento com bordos de veludo negro presos à copa por cordões, paletó azul, colete branco, cinta vermelha, culote de veludo de algodão azul e botas moles de couro de veado com enormes esporas de prata. O desleixo do negociante corresponde à grosseria de seus costumes; ademais, a julgar pela sua tez pálida e pelo inchaço do ventre, tem êle os sintomas das doenças tra-

(70) O trocadilho é intraduzível; "*faites voir*" deveria traduzir-se por "mostre" mas perderia assim o sentido de "obrigue-o a enxergar" aqui subentendido. (N. do T.).

zidas da costa da África, tão insalubre que as tropas estrangeiras aí só podem estacionar três anos, devendo em seguida ser substituídas por outras.

O sótão gradeado, que se vê no fundo do quadro, serve de dormitório aos negros que a êle ascendem por meio de uma escada.

As duas portas fechadas dão para uma alcova arejada e clareada apenas por cinco seteiras colocadas nos intervalos. A porta aberta dá para um pequeno pátio que separa o armazém da moradia onde se encontram a dona da casa, a cozinha e os escravos domésticos.